

# LEGENDANDO FILMES PARA ALUNOS SURDOS: UMA EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO NO DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR DO INES

Subtitling films for deaf students: an experience under construction  
in Higher Education Department – INES

Maria Carmen Euler Torres<sup>25</sup>

Ana Neri Cristino de Oliveira<sup>26</sup>

Thaís Helena Marins Pereira

Angélica Cristina Rodrigues dos Santos

Dandara Cristina Conceição de Paula<sup>27</sup>

Elizabeth de Souza Gomes<sup>28</sup>

## RESUMO

É cada vez mais frequente o debate sobre a questão da acessibilidade dos surdos aos conteúdos de filmes e vídeos nacionais. A literatura e uma grande parte da população surda preferem os filmes interpretados, pois não se perde tempo com a leitura das legendas, a história pode ser acompanhada mais rapidamente e aproveitam-se os aspectos visuais do filme. Os legendados, por sua vez, permitem que o surdo mantenha o contato com a língua portuguesa e com a escrita. As legendas servem de modelo para o letramento e ajudam na

## ABSTRACT

Nowadays, it is more common the debate on accessibility for deaf people, concerning their contact with national movies. The literature and a large part of deaf people prefer watching movies with interpreters, because they don't lost time reading subtitles, and the story may be accompanied faster without losing visual aspects. On the other hand, movies with subtitles provide deaf people contact with Portuguese language. Subtitles serve as a model for literacy and help the students to develop writing skill.

---

<sup>25</sup> Doutora em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e coordenadora do Grupo de Extensão “Legendagem e acessibilidade”. Contato E-mail: legendagem.ines@gmail.com

<sup>26</sup> Alunas do curso de Pedagogia, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Contatos: ananeri.cristino@gmail.com; thaishelena361@gmail.com; angeldfj@hotmail.com

<sup>27</sup> Mestranda do programa de Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato:dandaraccp@gmail.com

<sup>28</sup> Pedagoga, Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). elizabethsouzasouza@gmail.com

alfabetização. A legendagem como recurso para surdos precisa levar em conta a cultura surda e técnicas linguísticas e rítmicas, como síntese e quantidade de palavras digitadas por segundo. É também importante conhecer o público alvo para passar as informações e para que não se percam detalhes importantes do enredo. Como professores e alunos do curso de pedagogia do INES, percebíamos a dificuldade em trabalharmos com vídeos nacionais em nossas aulas, pois poucos disponibilizam legenda ou janela de libras. Esse artigo se propõe a relatar nossa experiência no projeto de extensão "Legendagem e Acessibilidade" que tem como objetivo principal promover a acessibilidade dos alunos surdos aos conteúdos de material audiovisual.

**Palavras-chave:** Legendagem. Acessibilidade. Surdez.

Subtitles as a resource for deaf people need to take into account their culture, and their linguistic and rhythmic techniques such as synthesis and the number of words per second. Besides, it is also important to know the target public to convey information without lost important plot details. As pedagogy teachers and students from INES, we noticed the difficulty to work with national videos in our classes, due to the lack of subtitles and movies with interpretation support. This paper aims to discuss our experience with the project "Subtitling and accessibility" which aims to promote accessibility for deaf students to audiovisual material.

**Keywords:** Subtitling. Accessibility. Deafness.

---

## INTRODUÇÃO

O trabalho com estudantes surdos de todos os níveis de ensino exige do professor habilidades específicas e o uso de recursos didáticos que possibilitem o acesso dos alunos aos conteúdos trabalhados de modo a criar condições para uma aprendizagem eficaz. Segundo Campello (2008) reunindo vasta bibliografia em sua tese de doutorado, os surdos se apoiam em imagens e se constituem subjetivamente a partir de uma visualidade ou do que ela chama de uma cultura visual.

Cultura Visual é um novo campo de estudo que inclui alguns elementos de estudos culturais e, como no caso de Estudos Surdos, enfocando aspectos da cultura, língua e signos visuais que apoiam em imagens visuais e sua percepção. Isto se sobrepõe frequentemente á filmologia, vídeo, internet, e qualquer outro meio que possua um componente visual. (CAMPELLO, 2008 p.127)

Por essa abordagem entende-se a realidade como culturalmente significativa a partir da experiência visual e no que tange às estratégias pedagógicas, a visualidade se torna o foco das ações de professores e pesquisadores da área da surdez. Campello (2008) afirma ainda que relacionada à língua de sinais- um dos recursos viso gestual e espacial dos surdos, onde se insere a sua cultura ao mesmo tempo em que a produz e a reafirma - há a necessidade de se desenvolver materiais educacionais específicos para que o processo de ensinar e aprender se realize satisfatoriamente.

A experiência docente no curso de pedagogia bilíngue no departamento de Ensino Superior do INES nos motivava a procurar recursos que nos aproximassem do universo dos surdos, fazendo-nos refletir sobre que procedimentos e estratégias melhor se adequariam ao processo de ensino aprendizagem condizente com uma cultura visual.

Neste sentido, a utilização de imagens significativas, filmes e vídeos em nossas aulas passaram a ser um recurso possível e eficaz nesse processo. Entretanto, logo de início, muitos obstáculos começaram a surgir, entre eles a escassez de materiais didáticos voltados para os estudantes surdos. Dentre esses materiais, descobrimos que os vídeos e filmes em língua portuguesa raramente possuíam legendas ou janelas de libras que os tornassem acessíveis aos alunos surdos.

O desejo de incluir em nossos planejamentos o recurso visual dos vídeos e filmes em português foi o grande motivador da criação do grupo de extensão intitulado “Legendagem e Acessibilidade”, uma vez que acreditávamos que, coletivamente, com a participação de professores e alunos do Departamento de Ensino Superior (DESU), essa iniciativa poderia empreender um trabalho mais amplo, duradouro e com melhores resultados.

Começamos o projeto em dezembro de 2015, cheios de perguntas e sabendo dos desafios que enfrentaríamos, mas também muito empolgados com a inovação do projeto e com as possibilidades que teríamos pela frente. Traçamos desde o início, os seguintes objetivos: I - reconhecer a necessidade do uso das legendas como uma das formas de acesso dos surdos aos conteúdos audiovisuais em Língua Portuguesa,

II - Promover o acesso de pessoas surdas aos filmes e vídeos nacionais e  
III - capacitar os alunos e professores em aplicativo de legendagem para vídeos nacionais.

Para atingirmos os primeiros objetivos precisávamos começar pelo terceiro e esse foi o primeiro passo que demos como membros do grupo de extensão. Aprendemos a mexer no aplicativo *Subtitle Edit* e partimos para as legendagens piloto.

A primeira experiência foi a legendagem do longa “Pro dia nascer feliz” de João Jardim. Sem ainda termos feito leituras e pesquisas a respeito das habilidades de um legendador e de como esse processo deveria ser feito, cometemos muitos erros, tais como: transcrever *ipsis litteris* o que estava sendo dito, colocar um período grande demais para o tempo de exibição da legenda, usar termos, por vezes, inadequados à cultura surda, entre outros equívocos.

Fomos levantando bibliografia, estudando, debatendo e construindo coletivamente nossa metodologia de trabalho. Todo o processo – que dura um ano - tem nos feito aprender muito sobre o universo dos surdos, suas formas singulares de ver o mundo, de aprender e as possibilidades de aproximação com sua cultura. Também temos descoberto a cada dia a relevância deste projeto junto à comunidade surda, qual seja a ampliação do acesso dos surdos à cultura mais ampla, ao capital cultural que nossa sociedade produz e que, na maioria das vezes, os deixa à margem.

Este artigo, que se propõe a ser um relato de experiência, abordará os principais pontos destacados em nosso aporte teórico e prático: as habilidades de um legendador, as características e formas de utilização do aplicativo de legendagem e as dificuldades e conquistas que temos vivenciado.

Mas, acima de tudo, o texto convida o leitor a pensar sobre os desafios e possibilidades que os surdos têm no que trata da acessibilidade, ou a falta dela, aos conteúdos de vídeos e filmes nacionais.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **COMPREENDENDO O APLICATIVO *SUBTITLE EDIT***

O grupo de extensão Legendagem e Acessibilidade, que surgiu da necessidade de legendarmos vídeos e filmes em Língua Portuguesa para as nossas aulas do DESU, é formado por professores, alunos bolsistas e colaboradores, iniciou seus trabalhos com oficinas para o aprendizado de aplicativos de legendagem. O primeiro passo foi o de compreendermos a parte técnica relativa ao uso do aplicativo e começarmos a utilizá-lo em projetos piloto de legendagem. Cada componente do grupo escolheu um vídeo para fazer a legenda, pois entendíamos que só assim seria possível descobrirmos as dificuldades e possibilidades que o projeto teria.

Para a realização da legendagem dos vídeos e filmes em língua portuguesa, foi utilizado o aplicativo *Subtitle Edit 3.4.11* que é de fácil acesso na internet, estando disponível para download. Para iniciar o processo de legenda, primeiramente é necessário fazer o download desse aplicativo, do filme ou vídeo, ambos em mp4, a ser legendado e também de outro aplicativo, o *VLC Media Player 2.2.2*, para a captação do áudio. Feito esses procedimentos, podemos dar início então, ao trabalho de legendagem seguindo os seguintes passos.

Primeiro abrimos o aplicativo *Subtitle Edit*, logo após o arquivo de vídeo que será utilizado, a seguir captamos o áudio através do VLC Media Player e o aplicativo está pronto para ser utilizado pelo legendador.

Começamos nossa atuação realizando algumas legendagens que chamamos de legendagens-piloto, através das quais, cada componente do grupo escolheu um vídeo para treinar, após nossas oficinas de capacitação. Entendíamos que antes de iniciarmos os trabalhos oferecendo essa atividade ao grupo de professores do DESU, precisávamos estar mais seguros no uso do aplicativo bem como na compreensão e quais seriam as habilidades necessárias para um legendador, mesmo que não profissional.

Não foram poucas as barreiras a serem ultrapassadas, inicialmente foi muito dificultoso o trabalho para equipe, uma vez que não se tinha experiência em legendar vídeos e filmes e nem na utilização com o próprio aplicativo *Subtitle Edit*, e ainda a falta de domínio na área da informática, sendo necessário esse período de formação a fim de capacitar tanto as alunas, como os professores para a produção de filmes e vídeos legendados.

Logo percebemos a necessidade de um aporte teórico que pudesse nos orientar e nos ajudar a respondermos algumas perguntas que começavam a surgir. Deveríamos fazer a transcrição literal da versão oral do vídeo? Poderíamos usar termos coloquiais ao escrever a legenda ou deveríamos fazer uma adaptação para a norma culta? Seria correto usar regionalismos, colocando a palavra entre aspas para que o surdo pudesse compreender essa variação da língua portuguesa oral? Muitas eram as dúvidas que tínhamos, o que nos impulsionou para a pesquisa teórica sobre o tema.

### **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS COMPETÊNCIAS DO LEGENDADOR**

Começamos a ler artigos sobre o tema e entendemos que, as habilidades de um legendador vão muito além de uma simples tradução, pois a legendagem se difere da tradução textual (MARTINEZ, 2007). Há outros canais (signos) envolvidos na comunicação, que tanto podem dificultá-la quando facilitá-la. Sabemos que a legendagem é a mudança do código oral para o código escrito, portanto, esse processo requer uma redução substancial do diálogo original. As legendas são regidas por restrições espaciais e temporais (espaço na tela e o tempo/duração da fala/velocidade entre a língua falada e a velocidade da leitura), por isso há casos em que até 50% do texto original precisa ser excluído da tradução. Uma transcrição completa do roteiro original nunca é possível na legendagem, pois as limitações físicas de espaço na tela e o ritmo da palavra falada exigem uma redução considerável do texto, até porque acompanhamos o áudio original. Se legendarmos tudo o que está sendo falado, ocorreria um equívoco igual ao que aconteceu no primeiro filme que legendamos.

A competência de sintetizar é uma das mais importantes a ser desenvolvida, a habilidade de traduzir de uma forma resumida é necessária para que o tradutor ganhe agilidade e também ajuda o espectador a entender melhor o que está sendo passado, pois o esforço cognitivo que o indivíduo faz é bem maior. Além de ler as legendas, tem de assimilar os outros componentes, tais como a simbologia visual apresentada e ações que estão sendo passadas no filme. Devemos também considerar a cultura do nosso público alvo, o nível de escolaridade, a capacidade desenvolvida em ler o texto em Língua Portuguesa, também deve ser levado em consideração. Sabemos que, através de

experiências em sala de aula muitas vezes, é preciso sintetizar, resumir, passar a ideia do mais está acontecendo, ajudando assim, a entenderem de maneira rápida e proveitosa os vídeos em questão.

Enfim, não basta só legendar, escrevendo o que está sendo dito, mas é preciso de certa forma, traduzir o conteúdo, pois se apenas legendarmos fazendo uma transcrição nem sempre alcançaremos o nosso objetivo que é dar acesso, incluir de maneira satisfatória os sujeitos surdos. Eles precisam entender o sentido assim como nós, ouvintes, entendemos. É importante que as legendas reproduzam palavras facilmente identificáveis pelos telespectadores da língua-meta ou seja, da língua que será atingida.

No Brasil trabalha-se com a figuração básica de 15 caracteres por segundo. Segundo Martinez (2007) um dos maiores problemas atuais enfrentados pelas produtoras é a dificuldade de convencer os legendadores a respeitarem o limite de caracteres por segundo.

A tradução do código oral para o escrito requer atenção, uma vez que o código oral é muito mais livre e o código escrito muito mais rígido. Devemos tomar cuidado para não nos afastarmos muito da estrutura do texto original para não causar problemas de compreensão por parte do telespectador.

Carroll (2004) (apud MARTINEZ, 2007), o legendador geralmente traduz e elabora legendas levando em consideração três ritmos: a) o ritmo visual do filme, definido pelos cortes; b) o ritmo das falas dos atores; c) o ritmo de leitura do público; e assim ganha em agilidade, pois na hora de sincronizar as legendas elaboradas, não precisará fazer tantas adaptações para que elas caibam no tempo disponível.

[...] a tradução não é uma operação meramente linguística, mas também política, ideológica e cultural. As ideias deixam de estar dadas no texto e prontas para serem resgatadas pelo tradutor; o significado é visto como produto de uma construção, e o contexto em que se produz a tradução passa a ser valorizado. Inserido em seu contexto histórico, influenciado por seu meio social, sua ideologia e seu inconsciente, o tradutor invariavelmente recria, interfere, transforma. (MARTINEZ, 2007, p.15)

Devemos ter prudência também na escolha da estratégia tradutória para lidar com referências culturais para não suscitar problemas. A competência cultural para a autora é, sem dúvida, a mais difícil de ser desenvolvida. Sabemos que os conteúdos audiovisuais são repletos de significados, de men-

sagens implícitas, e cabe ao legendador reconhecer essas mensagens e decidir o que deve ou não ser exposto para seu público-alvo.

Sabemos que o filme é composto por falas, músicas e ruídos, que são os efeitos sonoros. E, como o nosso público é formado por indivíduos surdos, precisamos indicar esses efeitos (quando esses são relevantes) para que se faça a ligação entre o enredo e a significação do som, pois este muitas vezes representa uma parte importante, com significado pretendido pelo diretor.

Neves, (apud NASCIMENTO, 2015) diz que

[...] O tradutor deverá ser um leitor proficiente de textos intersemióticos, além de reformular tanto os elementos acústicos verbais e não verbais e encontrar meio de expressá-los através de palavras escritas, mesmo que possam ser de natureza diferentes. Quando se legenda para esse público específico, cabe ao tradutor transformar em códigos visuais tanto os diálogos que são ouvidos quanto os efeitos sonoros que são percebidos de maneira a serem integrados com o filme da forma mais natural possível. (p.382)

Percebemos que a tradução de efeitos sonoros faz-se necessária quando esses colaboram para a construção de sentido, e que sem essa tradução o texto audiovisual perde um dos elementos significadores. Então entendemos que não precisamos legendar todos os sons que se passam no filme, e que precisamos discernir a importância de cada som, se é necessário legendar, se complementa, colabora na construção do enredo. Para uma produção fílmica original e de qualidade, é preciso fazer com que o público consiga integrar som e imagem como um todo sem diferenciação (HUNTER, apud NASCIMENTO, 2015)

Em relação à legenda de músicas, por exemplo, Cintas e Remael (apud NASCIMENTO, 2015) entendem que quando a letra da música não é relevante para a trama, não há necessidade de ser traduzida. Outra informação relevante é que, quando a ação do filme for visível e compreendida através da imagem, não é preciso traduzir.

Legendadores devem [...] ser capazes de trabalhar pressionados por prazos muito curto e lidar com o estresse; têm de desenvolver a competência especial de escrever para a mídia (ter noção de timing e ritmo); têm de ser competentes em análise, paráfrase, síntese e pós-edição (respeitando coerções temporais e espaciais) [...] têm de se adaptar a novas tecnologias e, por fim, têm de ter uma grande capacidade de se auto-avaliar para tomar decisões



rápidas e assumir a responsabilidade pela qualidade de seu trabalho.” (GAMBIER, apud MARTINEZ, 2007, p. 51)

Uma das dúvidas que tínhamos era de como legendar, em relação do grau de formalidade que se deve adotar, se é uma linguagem-padrão, formal, culta ou uma linguagem mais próxima da oralidade, uma linguagem informal. Segundo Ivarsson e Carrol (1998) (apud MARTINEZ, 2007) “a linguagem das legendas deve ser gramaticalmente “correta”, uma vez que servem de modelo para o letramento”. (p.52)

Caberia ao legendador, portanto, analisar o conteúdo para então julgar qual linguagem será utilizada (uma linguagem mais sofisticada ou uma linguagem mais popular), sem abusar das marcas da oralidade nem utilizar construções cuja formalidade excessiva cause estranhamento por parte do público alvo. Devemos também nos atentar para a legendagem dos sons de maneira significativa; não se preocupar com a tradução dos efeitos sonoros, mas sim com a função desses efeitos dentro do enredo é assim decidir se legendará ou não.

A norma linguística adotada no mercado de legendagem brasileiro é o uso do discurso semiformal, ou seja, adota algumas marcas da oralidade, mas sem desprezar as regras do português padrão.

## **NOSSAS AÇÕES**

Considerando o presente artigo como um relato de experiência, cabe lembrar as ações desenvolvidas no âmbito deste projeto de Extensão. Durante o ano de 2016, participamos de dois fóruns, sendo um realizado no INES e outro do Museu Histórico Nacional/RJ, ambos em julho. Planejamos e executamos uma oficina com duração de 12 horas no Congresso do INES e ainda apresentamos um pôster no III Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF. Essa produção acadêmica tem se somado às ações de legendagem de filmes solicitados pelos professores do DESU.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo se propôs a fazer um breve relato da experiência do grupo de pesquisa e extensão “Legendagem e acessibilidade” que tem se dedicado a promover o acesso dos alunos surdos aos conteúdos de material audiovisual. A

acessibilidade é um fator de extrema importância para o exercício da cidadania, inclusão e integração nos espaços sociais para o surdo. Como um grupo que pertence às minorias, a comunidade surda tem se deparado ao longo de suas vidas com desafios no que tange o acesso a comunicação. Fazer parte de uma minoria linguística em uma sociedade que de fato ainda não reconhece a língua de sinais brasileira e não dissemina a informação como deveria, ainda se configura como um entrave à participação efetiva na sociedade. Sabemos que a língua de sinais é reconhecida desde 2002 como a língua oficial dos surdos e a segunda língua oficial do país. Decretos como o 5296/2004 – regulamenta a Lei 10.048/2000 para a promoção de acessibilidade também aos meios de comunicação e informação e o 5626/2005- regulamenta a Lei de Libras 10436/2002 e esclarece sobre a importância dos surdos terem acesso às informações enquanto sujeitos participantes desta sociedade. Contudo, muito ainda precisa ser colocado em prática de modo que as leis e decretos que, após muita luta e resistência da comunidade surda, venham a legitimar seus direitos.

Tendo em vista que, os surdos estão inseridos dentro de um contexto universal e a sociedade não está preparada para atender as suas especificidades para uma comunicação satisfatória, a comunidade acadêmica deve ser uma forte aliada neste processo de luta e resistência política. Portanto, principalmente por sermos parte de uma instituição centenária e reconhecida como referência no trabalho com a surdez, temos o papel de desenvolver materiais para integração dos surdos no acesso às informações, ao conhecimento e comunicação uma vez que as Tecnologias da Informação e Comunicação estão sendo utilizados proporcionando seu desenvolvimento pessoal e profissional.

O grupo de extensão Legendagem e Acessibilidade mostra a importância de formar profissionais que acreditem que a legenda é um meio de acesso às informações e comunicações de estudantes surdos dentro de uma sociedade majoritária dominada por ouvintes. Sabemos que é preciso investir mais na formação desses legendadores, dentro e fora do espaço acadêmico, e quem sabe, possamos futuramente ampliar nossas ações como um núcleo de formação de legendadores e multiplicadores desta iniciativa.

---

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua de Sinais – Libras e dá outras providências*. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)
- BRASIL, Decreto 5296/2004 *regulamenta as Leis n. 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Brasília: Presidência da República, 2004. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm)
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos*. 2008. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MARTINEZ, Sabrina Lopes. *Tradução para legendas: uma proposta para formação de profissionais*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC, 2007.
- NASCIMENTO, Ana K. P. *Análise das legendas de efeitos sonoros do filme Nosso Lar*. *Trad Term*, São Paulo, v. 26, p. 377-396, 2015.
- 

**Agradecimento:** Agradecemos ao técnico em informática Fabiano Souza da Silva que foi o responsável por nos ensinar o manejo do aplicativo *Subtitle* participando ativamente das primeiras reuniões de formação e também das oficinas desenvolvidas nos Fóruns e Congressos.

